



LETRAS DE HOJE

REVISTA TRIMESTRAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LETRAS - PUCRS

LETRAS DE HOJE LETRAS DE HOJE LETRAS DE HOJE LETRAS DE HOJE LETRAS DE HOJE

ISSN 0101-3335

Chanceler
Dom Dadeus Grings

Reitor
Professor Irmão Norberto Francisco Rauch

Vice-Reitor
Professor Irmão Joaquim Clotet

Pró-Reitor de Administração
Professor Antonio Mario Pascual Bianchi

Pró-Reitora de Ensino de Graduação
Professora Solange Medina Ketzer

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação
Professor Monsenhor Urbano Zilles

Pró-Reitor de Extensão Universitária
Professor Paulo Roberto Girardello Franco

Pró-Reitora de Assuntos Comunitários
Professora Helena Wilhelm de Oliveira

Diretor da Revista
Prof. Ir. Elvo Clemente

Conselho Editorial para Assuntos Lingüísticos
José Marcelino Poersch, Leonor Scliar Cabral, Leci Borges Barbisan, Regina Ritter Lamprecht, Lêda T. Martins, Carmem Lúcia M. Hernandezena

Conselho Editorial para Assuntos Literários
Gilberto Mendonça Telles, Petrona Domínguez de Rodriguez Pasquês, Regina Zilberman, Monsenhor Urbano Zilles, Maria Eunice Moreira, Carlos Alexandre Baumgarten

Pedidos de assinaturas e permutas devem ser encaminhados para EDIPUCRS. Preços para 2002:

Assinatura anual:
Brasil _____ R\$38,00
Exterior _____ U\$34,00
Número avulso _____ R\$12,00

Formas de pagamento:

Cheque nominal à
EDIPUCRS
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
Caixa Postal 1429
90619-900 - Porto Alegre - RS - BR
E-mail: edipucrs@pucrs.br
www.pucrs.br/edipucrs/

Os artigos para publicação devem ser encaminhados para:

Revista Letras de Hoje
Pós-Graduação em Letras - PUCRS
A/c Prof. Elvo Clemente
Caixa Postal 1429
90619-900 - Porto Alegre - RS
A Revista aceita permutas
On demande l'échange
We ask exchange

Os originais enviados à Revista não serão devolvidos, mesmo que não sejam utilizados.

Composição:
SULIANI

Impressão:
EPECÊ

L649 LETRAS DE HOJE/Curso de Pós-Graduação em Letras
PUCRS, -n.1 (out. 1967)-, - Porto Alegre: EDIPUCRS, 1967 -
v.: 22cm
Trimestral
ISSN 0101-3335
1. Lingüística - Periódicos. 2. Literatura - Periódicos
I. PUCRS. Curso de Pós-Graduação em Letras.
CDD 405
805
CDU 8(05)

Publicação indexada em CLASE (Citas Latinoamericanas en Ciencias Sociales y Humanidades)

Índices para Catálogo Sistemático
Lingüística: Periódicos 80(05)
Literatura: Periódicos 82/89 (05)
Periódicos: Lingüística (05)80
Periódicos: Literatura (05) 82/89

Letras de Hoje

TÓPICOS DE FONOLOGIA

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PUCRS

Variação do “r” pós-consonantal no português brasileiro: um caso de mudança fonotática ativada por cisão primária

Marco Antônio de Oliveira (UFMG)

Thaís Cristófaros-Silva (UFMG-KCL)



ABSTRACT – This article discusses a case of sound variation and change in Brazilian Portuguese (BP) which we claim is lexically implemented. More specifically, we address the potential variation concerning post-consonantal “r” in varieties where /l/ is vocalized in syllable final position. It is expected that a strong-R follows a syllable-final consonant (cf. *desrespeito*, *genro*, *melro*). However, in BP varieties where /l/-vocalization applies either the strong-R or the weak-r (or tap) may occur: *gue[ŵR]a* or *gue[wr]a*. We will demonstrate that the variation concerning “r” sounds addressed in this article has been recently implemented as a consequence of /l/-vocalization.

PALAVRAS-CHAVE – Fonologia. Variação e mudança linguística. Difusão lexical.

Introdução

Este artigo discute um caso de variação e mudança sonora no português brasileiro que está se implementando lexicalmente. O caso em questão se relaciona à manifestação fonética do “r” pós-consonantal em variedades do português em que o /l/ em final de

sílaba é vocalizado. Mais especificamente, espera-se em português, que o R-forte ocorra após consoantes em final de sílaba (cf. *desrespeito, genro, melro*). Em variedades do português em que o /l/ se vocaliza em final de sílaba, tanto o R-forte quanto o r-fraco (ou tepe) podem ser observados: *gue[ʍR]a* ou *gue[ʍr]a*. Este fenômeno é decorrente da vocalização do /l/ em posição final de sílaba.

Na primeira seção apresentamos as seqüências possíveis de (vogal+glide posterior) do português brasileiro. Na segunda seção discutimos o fenômeno a ser analisado e apontamos os objetivos do presente artigo. Na terceira seção apresentamos a metodologia da pesquisa e discutimos a organização dos dados a serem analisados. Na quarta seção apresentamos a análise dos dados. Na quinta seção indicamos algumas propostas para investigações futuras que possam contribuir para uma maior compreensão do fenômeno considerado neste artigo. Finalmente, concluímos o artigo demonstrando que a variação em questão reflete um caso de escolha lexical do falante.

1 Seqüências de (vogal+glide posterior) no português brasileiro

Todas as variedades do português têm seqüências de (vogal+glide posterior) que denominaremos “Seqüências de (vogal+glide posterior) do Tipo 1”. Os exemplos que se seguem ilustram esse tipo de seqüência em início, meio e final de palavra.

(1) Seqüências de (vogal+glide posterior) do Tipo 1

(V+w)	início palavra	meio palavra	final palavra
[aw]	Aurora	cauda	pau
[ew]	Europa	pleura	ateu
[ɛw]	***	***	troféu
[iw]	***	***	piupiu
[ow]	ouro	touro	Moscou
[ɔw]	***	***	***
[uw]	***	***	***

Na tabela apresentada em (1) as células sombreadas e marcadas com asteriscos indicam que as seqüências (vogal+glide posterior) do Tipo 1 ali indicadas não ocorrem em português. Podemos fazer as seguintes generalizações sobre as restrições segmentais em seqüências (vogal+glide posterior) do Tipo 1.

(2) Restrições segmentais em seqüências (vogal+glide posterior) do Tipo 1

- [ɛw] somente ocorre em final de palavra.¹
- [iw] é uma seqüência rara em formas nominais mas produtiva em formas verbais onde ocorre em final de palavra (riu, partiu, etc.).²
- [ow] é tipicamente reduzido a [o].
- [ɔw] e [uw] não ocorrem.

Há em português um outro tipo de seqüência de (vogal+glide posterior) que classificamos como Tipo 2. Estas seqüências ocorrem em algumas variedades do português – e tipicamente no português brasileiro. Nas variedades que têm seqüências de (vogal+glide posterior) do Tipo 2 observa-se que em outras variedades do português ocorre uma consoante lateral posvocálica.³ Exemplos de seqüência de (vogal+glide posterior) do Tipo 2 são apresentados em (3).

(3) Seqüências de (vogal+glide posterior) do Tipo 2

(V+w)	início palavra	meio palavra	final palavra
[aw]	alto	calda	sal
[ɛw]	Eldorado ⁴	feltro	***
[iw]	Elmo ⁵	selva	anel
[ow]	Ilza ⁶	pocilga	barril
[ow]	olmo ⁷	toldo	gol
[ɔw]	Olga ⁸	volta	anzol
[uw]	último	culto	azul

¹ Casos em que o ditongo é oriundo do cancelamento do /l/ intervocálico – como em “céu, véu” – e casos que o ditongo é oriundo de formas reduzidas – como em “Leo, Cleo” têm a mesma interpretação: [Vw].

² Vale ressaltar que a morfologia nominal é diferente da morfologia verbal explicando-se, assim, o fato de [iw] ser recorrente em formas verbais.

³ Utilizamos o termo “posvocálica” sem hífen (pós-vocálica) porque assumimos que este é um termo técnico que, de fato, está relacionado à posição de coda. O termo “pós-vocálica” refere-se a um elemento que ocorre “após uma vogal”. Note que na palavra “festa” o “s” é uma consoante que ocorre após a vogal mas o que é de fato relevante é que o “s” se encontra em posição de coda. Na palavra “casa” o “s” também é uma consoante que ocorre após a vogal mas não se encontra em posição de coda. Com o objetivo de explicitar o termo técnico “posvocálico” é que o tratamos como uma palavra individual não prefixada.

⁴ Dentre as formas que se iniciam com [ɛw] apresentadas no Dicionário Aurélio temos: Eldorado, elmolo, elvense, elzevir. Nestas palavras [ɛw] ocorre em posição pretônica e pode também se manifestar como [ɛw].

⁵ Geralmente em nomes próprios: Elza, Élvio, Elton, Élcio, etc.

⁶ Outras palavras encontradas: Ilma, ilvaíta.

⁷ Dentre as formas que se iniciam com [ow] apresentadas no Dicionário Aurélio temos: olmo, olmeca, olmeira, olvidar. Exceto em *olmo*, nas demais palavras [ow] ocorre em posição pretônica e pode também se manifestar como [ɔw].

⁸ Única palavra encontrada que inicia-se em [ɔw].

Podemos fazer as seguintes generalizações sobre as restrições segmentais em seqüências (vogal+glide posterior) do Tipo 2.

(4) Restrições segmentais em seqüências (vogal+glide posterior) do Tipo 2

- a. Seqüências de (vogal+glide posterior) em início de palavra são raras exceto para [aw] e [uw].
- b. [ew] não ocorre em final de palavra e [ow] ocorre apenas na palavra “gol”.
- c. [uw] pode ser reduzido para [u].

Vale dizer que do ponto de vista articulatorio, perceptual e acústico o glide posterior é idêntico nas seqüências de (vogal+glide posterior) dos Tipos 1 e 2. Isto nos leva a concluir que de fato não há qualquer diferença fonética entre as seqüências de (vogal+glide posterior) dos Tipos 1 e 2. Podemos também afirmar que em termos distribucionais não há restrições segmentais em seqüências de (vogal+glide posterior). Isto porque seqüências de (vogal+glide posterior) são foneticamente idênticas. Portanto, qualquer seqüência de (vogal+glide posterior) é possível em português.

Embora as seqüências de (vogal+glide posterior) sejam foneticamente idênticas é tipicamente assumido que em português a representação fonológica das seqüências de (vogal+glide posterior) do Tipo 1 e 2 são diferentes. As seqüências de (vogal+glide posterior) do Tipo 1 apresentam em sua representação fonológica uma seqüência de vogais (ou vogal+glide). Sendo assim, a representação fonológica de uma palavra como “mau” seria /mau/ [maw]. Já as seqüências de (vogal+glide posterior) do Tipo 2 apresentam em sua representação fonológica uma vogal seguida de uma consoante lateral posvocálica. Sendo assim, a representação fonológica de uma palavra como “mal” seria /mal/ [maw]. Argumenta-se por um processo de vocalização de lateral posvocálica em português (cf. Callou e Leite (1990), Cristófaros-Silva (2001)).⁹ Dentre os argumentos para se postular um /l/-posvocálico podemos citar alternâncias morfofonêmicas (jornal/ jornaleiro etc.) e casos de variação lingüística “mal [maw]~[mal] educado”.

⁹ Exceto em início de palavra. Contudo, esta lacuna distribucional pode ser explicada pelo fato de a sílaba não ter consoante inicial (ou onset). Sílabas sem onsets são marcadas e tendem a ser menos recorrentes. Há ainda o fato de o núcleo da sílaba ser complexo: (vogal+glide posterior). Núcleos complexos são estruturas marcadas e podem contribuir para a lacuna distribucional em questão.

¹⁰ Este processo é sugerido também para o inglês. Ver, por exemplo, Ash (1982), Harris (1994) e Borowskym, T. & B. Horwath (1997) que discutem a vocalização da lateral posvocálica no inglês americano, britânico e australiano, respectivamente.

As alternâncias morfofonêmicas parecem constituir evidência para a postulação de um /l/-posvocálico. São inúmeras as palavras que demonstram a alternância entre o glide posterior e a lateral: mel/melado, sal/saleiro, sol/solar, gol/goleiro, etc. Contudo, poderia ser alternativamente postulado que a relação entre estas palavras seria semântica e não morfológica. Outros casos no português que têm relação semântica mas não morfológica são: céu/celeste, bom/melhor, etc. De fato temos duas possibilidades de interpretação do /l/-posvocálico. Uma destas possibilidades indica um processo de vocalização com evidências em alternâncias morfofonêmicas. Uma segunda possibilidade indica que /l/-posvocálico foi reinterpretado como /w/. Nestes casos, aparentes alternâncias morfofonêmicas de fato estão relacionadas semanticamente. Parece-nos que as duas possibilidades são potencialmente adequadas.

Nos casos de alternâncias morfofonêmicas o /l/-posvocálico ocorre em final de palavra. Em meio de palavra – como em “calda/cauda” ou “alto/auto” – não temos evidências de alternâncias morfofonêmicas. Contudo, há uma diferença na estrutura sonora que pode ser estabelecida entre os dois tipos de seqüências de (vogal+glide posterior). Esta diferença está relacionada à distribuição dos sons de “r” na estrutura silábica do português.

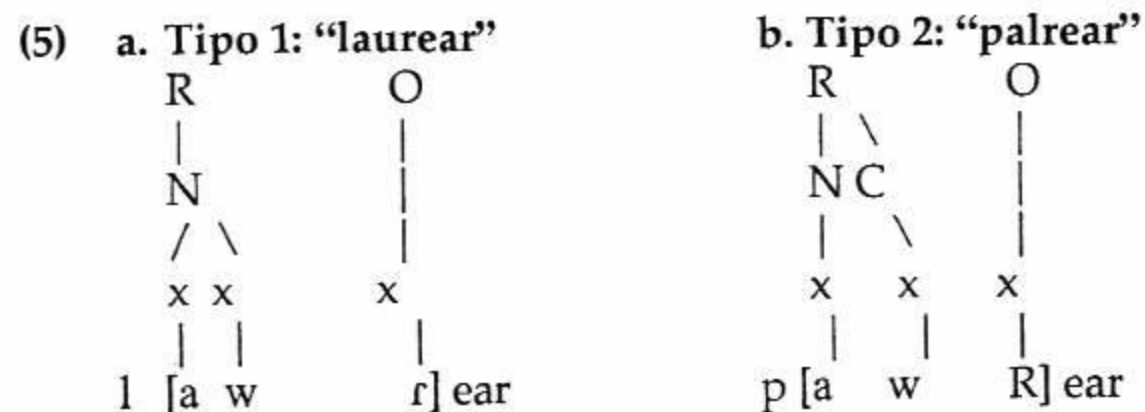
Em português temos dois tipos de “r”. O r-fraco ocorre entre vogais (como em *caro*) e em encontros consonantais tautossilábicos (como em *prato*). O R-forte ocorre em início de sílaba. O início de sílaba pode coincidir com início de palavra (como em *rato*), entre vogais (como em *carro*) e seguindo consoantes posvocálicas (como em *genro, Israel, guelra*). O r-fraco é sistematicamente pronunciado como um tepe em qualquer variedade do português. O R-forte apresenta inúmeras possibilidades articulatorias (cf. Oliveira (1983)). Dentre as manifestações fonéticas do R-forte temos fricativas velares e glotais – como [x, h] – ou uma vibrante múltipla – como em [ʀ]. Para efeito da presente discussão representaremos o R-forte por [R].¹¹

Sempre temos o r-fraco seguindo seqüências de (vogal+glide posterior) do Tipo 1. Exemplos são: *laurear, pleura, touro*, etc. O R-forte deve seguir as seqüências de (vogal+glide posterior) do Tipo 2. Exemplos são: *desrespeito, terra, palrear*.¹² Generalizando pode-

¹¹ Em posição posvocálica – como em *mar* – ocorre a neutralização entre o r-fraco e o R-forte no português. Temos pronúncias alternativas como [mar] e [maR]. Contudo, este fato não é relevante para a discussão apresentada neste artigo.

¹² Temos como exceção para seqüências de (vogal+glide posterior) do Tipo 1 a palavra *besouro* que quando tem seu ditongo reduzido pode apresentar o R-forte. Uma exce-

mos dizer que as seqüências de (vogal+glide posterior) do Tipo 1 representam o glide silabificado numa posição nuclear – como em (5a). Quanto as seqüências de (vogal+glide posterior) do Tipo 2 estas seriam silabificadas em (núcleo-coda) – como em (5b).



Note que as diferentes silabificações apresentadas em (5) permitem que seqüências sonoras idênticas – de (vogal+glide posterior) – sejam interpretadas de maneiras distintas. Quando o glide ocupa uma posição nuclear – como em (5a) – temos obrigatoriamente o r-fraco. O r-fraco é aquele segmento que segue as seqüências de (vogal+glide posterior) do Tipo 1. Quando o glide ocupa uma posição consonantal – como em (5b) – temos o R-forte. O R-forte é aquele segmento que segue as seqüências de (vogal+glide posterior) do Tipo 2.¹³ Imediatamente antes de apresentamos as representações de (5) mencionamos que “o R-forte deve seguir as seqüências de (vogal+glide posterior) do Tipo 2”. Isto é o que estabelecido por dicionários como Barsa e Michaelis.¹⁴ Isto é também de fato o que ocorre em variedades que preservam o /l/-posvocálico. Contudo, na maioria das variedades do português brasileiro o /l/-posvocálico ocorre como um glide posterior [w]. Dentre estas variedades, temos a de Belo Horizonte, em que observamos que tanto o r-fraco quanto o R-forte pode ocorrer seguindo seqüências de (vogal+glide posterior) do Tipo 2. Ou seja, para uma palavra como *guelra* atestamos pronúncias como [gewra] e [gewRa] em Belo Horizonte.

Estamos diante de um caso em que formas alternantes estão em competição. Enquanto o R-forte é categórico em variedades

ção para seqüências de (vogal+glide posterior) do Tipo 2 é a forma *bairro* e suas derivadas que apresentam um R-forte seguindo um ditongo.

¹³ Vale ressaltar que em limite de palavra somente o R-forte segue o glide posterior (independente do glide ser do Tipo 1 ou do Tipo 2): *pau reto* ou *sal refinado*. Isto se deve ao fato do r-fraco não ocorrer em início de palavra. Concluímos que seqüências (glide posterior+R-forte) são preservadas em fronteira de palavras.

¹⁴ Transcrição da Barsa e Michaelis respectivamente para “guelra”: [gewra] e : [gelra].

que preservam a lateral posvocálica temos uma competição entre o R-forte e o r-fraco em variedades em que o /l/-posvocálico é vocalizado. Pretendemos neste artigo avaliar a variação entre o R-forte e o r-fraco no contexto que segue seqüências de (vogal+glide posterior) no português de Belo Horizonte. Na próxima seção definiremos o objetivo deste artigo.

2 Objetivo do artigo

Conforme pudemos ver na seção anterior, o português brasileiro, na maioria de suas variedades, apresenta uma variação entre as duas seqüências a seguir: [...w\$R...] ~ [...w\$r...]. A seqüência [...w\$ r...] exemplifica a situação original de ocorrência do /r /, i.e., entre um glide posterior [w] de seqüências do Tipo 1 e uma vogal podemos ter, em português, um /r /, mas não um /R/. É o que acontece em palavras como *mouro*, *aura*, *Europa*, etc, onde o “r” ortográfico representa o som [r]. Já no caso da seqüência [...w\$R...] temos uma inovação, proveniente da vocalização de um /l / em final de sílaba, como em (6)

(6) Representação Morfofonêmica Representação Fonética 1 Representação Fonética 2

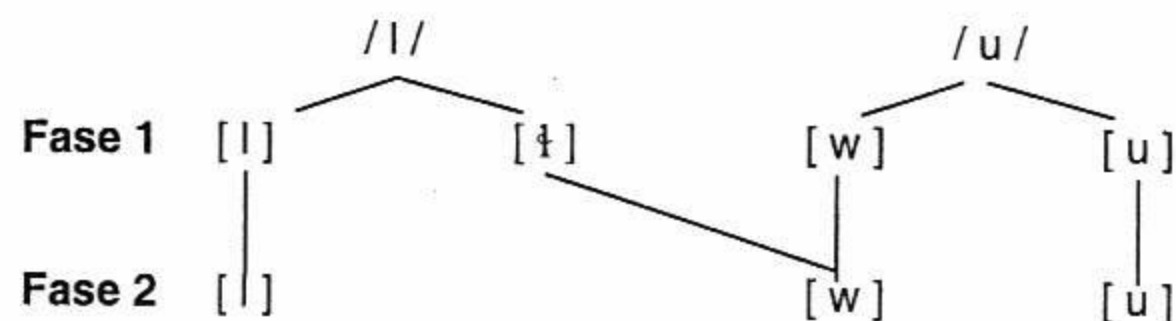
/...l\$R.../ [...l\$R...] → [...w\$R...]

onde [l] representa uma lateral velarizada.

Conforme sabemos, a passagem de RF1 a RF2 já se completou na maioria dos dialetos do português brasileiro (Quednau, 1993; Tasca, 2000), sendo que RF1 ainda sobrevive em algumas regiões e entre falantes de faixas etárias mais avançadas.

O caso representado em (6) é um exemplo clássico daquilo que Hoenigswald denominou como Cisão Primária. No caso, um dos alofones de /l / se funde com um dos alofones de /u / em posição final de sílaba, como indicado em (7)

(7)



Conforme salientado anteriormente, esta fusão já se completou para a maioria dos falantes do português brasileiro. Contudo, uma consequência desta fusão ainda não se resolveu. Na Fase 1 de (7) acima, a distribuição entre [ʔ] e [w] era bem regulada: [ʔ] ocorria em final de palavra ou em final de sílaba, seguido de consoante (como em *mel*, *mal*, *alto*, *calda*), enquanto que o [w] ocorria em final de palavra (como em *meu*, *mau*) ou em final de sílaba, seguido por vogal (como em *Piauí*) ou seguido por consoante (como em *auto*, *cauda*). Em dois desses contextos, final de palavra e final de sílaba seguido por consoante na mesma palavra, os fonemas /l/ e /u/ contrastavam, o que já não mais ocorre na Fase 2. Como já dissemos, no primeiro desses contextos, final de palavra, ainda podemos encontrar evidências internas do português (alternâncias morfofonêmicas, como *mel* [mew] / *melado* [me'ladu]) e/ou evidências fornecidas por fenômenos da variação lingüística (como em mal- [mau]~[mal] educado) que nos permitem recuperar um /l/ nessa posição. O mesmo já não acontece com o segundo contexto, final de sílaba interna. Nesse caso, não há como justificar, com base em evidências morfofonêmicas, que para casos como *calda* tenhamos /'kalda/ e não /'kauda/. Os dados que poderiam justificar a primeira opção são exatamente os dados da variação lingüística.

Mas há, ainda, um outro aspecto que precisa ser considerado aqui. Como já vimos anteriormente, /R/ e /r/ só contrastam, em português, em posição intervocálica. Nos demais contextos esses dois fonemas se distribuem diferentemente. Por exemplo, no contexto /...Consoante\$X.../, X só pode ser /R/, mas não /r/ (como em *Israel*, e.g.). Por outro lado, se o contexto precedente a X é um glide posterior do Tipo 1, X só pode ser /r/, mas não /R/ (como em *mouro*, e.g.).¹⁵ Assim sendo, as alterações indicadas em (6) e (7) têm, na verdade, um alcance maior do que se poderia imaginar uma vez que elas acabam afetando a fonotática do português. Ou seja, se [ʔ] se funde com [w] em final de sílaba interna, seguido de /R/, temos, como resultado, uma seqüência nova, [...w\$R...]. Esta nova seqüência pode, a princípio, ter um dos três destinos diferentes, conforme em (8):

(8)

- a- A nova seqüência [...w\$R...] se mantém, e permanece em variação estável com a seqüência [...w\$ r...];
- b- A nova seqüência [...w\$R...] entra em competição com a seqüência [...w\$ r...], e assume seu lugar, ou
- c- A nova seqüência [...w\$R...] entra em colapso e cede seu lugar à seqüência [...w\$ r...].

Das três possibilidades acima podemos descartar (8b), uma vez que não há a menor evidência para imaginarmos que em casos como *mouro* estejamos presenciando uma mudança de [ˈmowru] → *[ˈmowrRu].

Os casos (8a) e (8c) podem, na verdade, coexistir. Se tivermos apenas (8a) estaremos diante de um caso onde um fonema (no caso, /u/) ganha contextos. Por outro lado, se o fenômeno progride até (8c), um dos fonemas, no caso /R/, perde contextos. Nossa hipótese é a de que tanto (8a) quanto (8c) coexistem no português de Belo Horizonte. Acreditamos também que, em ambos os casos, temos condicionamentos estruturais e não-estruturais para a alteração fonotática em questão. Mais especificamente, os fenômenos se mostram sensíveis ao conhecimento lexical dos indivíduos (se a palavra é conhecida ou não), aos fatos de superfície do sistema sonoro do português (afinal, a seqüência fonética [...w\$ r...] é produtiva e independentemente motivada na língua) e, muito possivelmente, ao fator idade.

Conforme dito acima, a variação encontrada entre [...w\$R...] ~ [...w\$ r...] se mostra sensível ao conhecimento que o indivíduo tem do léxico da língua. Este fato pode ser verificado em duas situações diferentes:

1. Qual é a pronúncia escolhida pelos falantes quando expostos a palavras não existentes?
2. Qual é a pronúncia escolhida pelos falantes quando expostos a palavras pouco comuns?

A primeira situação serve para nos apontar a opção dos falantes em casos que não podem ser decididos por conhecimento lexical prévio, opção essa que só poderá se nortear pelos fatos de superfície da língua (seqüências canônicas); a segunda opção introduz um aspecto novo na questão, que é o controle lexical do processo. Ou seja, conhecidas as palavras, elas apresentam, todas, o mesmo comportamento? Caso elas não apresentem o mesmo comportamento, a diferença entre elas é significativa? Na hipótese de

¹⁵ A rigor, poderíamos dizer que no contexto [...glide\$X...], X não pode ser /R/. A única exceção seria a palavra *bairro* (e seus derivados, como *bairrista* e *bairrismo*). Como se trata de uma palavra de origem estrangeira (do árabe coloquial *barri*), talvez possamos fazer uma generalização aqui, restringindo a ocorrência do /R/ à presença de qualquer glide no final da sílaba anterior, e não apenas à presença do [w].

serem significativas essas diferenças, estaremos diante de um caso de mudança (no caso, fonotática) controlado lexicalmente.¹⁶

Nas seções que se seguem procuramos analisar a situação exposta até aqui.

3 Metodologia

Os dados utilizados na pesquisa cujos resultados são apresentados neste artigo foram coletados entre alunos do curso de Letras FALE-UFMG (Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais). Estes alunos estavam cursando o segundo período (ou semestre) do curso de Letras. Portanto, o nível de escolaridade dos informantes é homogêneo. Utilizamos dados de duas turmas. Uma com 31 alunos e outra com 29 alunos.

Os informantes são do estado de Minas Gerais e todos residentes em Belo Horizonte. A faixa etária dos informantes e a classe social não foi controlada. O número total de informantes é 60 (sessenta) sendo 18 (dezoito) homens e 42 (quarenta e dois) mulheres, nascidos em várias partes do estado de Minas (não controlada a região).

Os alunos estavam terminando o curso introdutório de fonética e fonologia na graduação. O experimento foi conduzido ao final do semestre quando os conhecimentos nestas áreas estavam sedimentados. Antes do experimento foi discutido o inventário fonético do português. Ênfase foi dada aos sons de “r” (que além de constituírem um problema para os alunos eram sons importantes para a pesquisa em andamento).

O experimento consistiu em solicitar a transcrição fonética de palavras ortográficas reais e hipotéticas num total de 30 palavras: vida, luboca, anel, comida, besouro, cabelo, bilro, meleca, pavulro, casa, chilrear, boneca, chorela, sapato, melro, coalho, guelra, lua, golipar, palrear, curipá, tesouro, agora, impalra, amigo, caneta, solra, justiça, clavulre, mefulra. O objetivo deste experimento era investigar a realização fonética do “r” que segue seqüências de (vogal+glide posterior). Selecionamos 14 (quatorze) das 30 (trinta) palavras. Estas 14 palavras foram agrupadas em dois grupos, conforme a tabela abaixo:

(9) 14 palavras selecionadas para análise

14 itens	Tipo 1	04 /u/-ditongo	02 reais	besouro, tesouro
			02 hipotéticas	legouro, clauro
	Tipo 2	10 /l/-posvocálica	05 reais	bilro, chilrear, melro, guelra, palrear
			05 hipotéticas	pavulro, impalra, solra, clavulre, mefulra

O primeiro grupo consiste de 04 (quatro) palavras que apresentam seqüências de (vogal+glide posterior) em todos os dialetos do português. Neste grupo 02 (duas) palavras são reais e 02 (duas) palavras são hipotéticas. O segundo grupo consiste de 10 (dez) palavras que apresentam tipicamente seqüências de (vogal+glide posterior) no português brasileiro e em outras variedades ocorre uma seqüência de (vogal+l). Neste grupo 05 (cinco) palavras são reais e 05 (cinco) palavras são hipotéticas. Neste artigo estamos interessados em investigar a variação relacionada ao “r” que segue o /l/-posvocálico nas dez palavras do Tipo 2: *bilro, chilrear, melro, guelra, palrear, pavulro, impalra, solra, clavulre, mefulra*. Observamos que neste caso ocorre variação entre o som de “r” que segue o glide [w]: ocorre o tepe [r] ou o R-forte [R].

Nas palavras do Tipo 1 o “r” que segue o ditongo foi sistematicamente atestado como o tepe [r] exceto na palavra *besouro*. Nesta palavra observamos a potencial redução do ditongo [ow] para [o] – como em “bes[ow]ro” ou “bes[o]ro”. Alguns falantes que apresentaram a redução do ditongo variaram o som do “r” que segue o ditongo. Atestamos formas como “bes[or]o” e “bes[oh]o” (uma forma como “bes[owh]o” não foi atestada). Não houve registro de variação com as palavras estruturalmente semelhantes como *tesouro* e *legouro*. Assumimos que a variação do som de “r” atestada na palavra *besouro* é explicada lexicalmente. Ou seja, não há condicionamento estrutural que possa explicar tal variação.

Quanto as palavras do Tipo 2, estas constituem um grupo restrito de palavras no português. Além de pertencerem a um grupo numericamente reduzido, estas são palavras de uso pouco frequente. Portanto, a maneira mais eficiente de coletarmos dados específicos que nos permitam avaliar a variação do “r” seguindo seqüências de (vogal+glide posterior) do Tipo 2 foi através da execução de um experimento direcionado que não leva em consideração a fala espontânea. Sugerimos que a variação atestada nos casos

¹⁶ Até onde sabemos, esta é a primeira vez que se utiliza o modelo da Difusão Lexical para se comentar um caso de mudança lingüística que se situe no âmbito da fonotática da língua. Todos os casos anteriormente encontrados na literatura, concernentes a mudanças sonoras, focalizaram os sons individuais.

descritos neste trabalho é encontrada também em situação de fala espontânea.

Nos dados do Tipo 2 observamos variação entre o tepe [r] e o R-forte [R] entre 29 (vinte e nove) informantes. Isto porque dos 60 (sessenta) informantes 28 (vinte e oito) apresentaram sistematicamente o tepe [r] seguindo seqüências de (vogal+glide posterior) do Tipo 2. Apenas 03 (três) informantes apresentaram sistematicamente o R-forte [R] seguindo seqüências de (vogal+glide posterior) do Tipo 2. A análise da variação entre [r] e [R] a ser apresentada conta com dados de 29 (vinte e nove) informantes.

Dentre os fatores estruturais consideramos: palavra real/hipotética, segmento seguindo o ditongo: [r/R]. Consideramos também o item léxico como fator a ser analisado. Dentre os fatores não-estruturais consideramos apenas o sexo dos informantes. Dados adicionais avaliaram a variação em diferentes faixas etárias. A análise estatística foi conduzida no programa SPSS (Statistical Package for Social Sciences).

Um outro teste foi realizado com uma população de faixa etária mais jovem. Isto foi feito porque em nossos dados tivemos 28 falantes que preferiram o tepe seguindo seqüências de (vogal+glide posterior) do Tipo 2. As formas dicionarizadas prevêem que o R-forte [R] deve acontecer neste contexto. Gostaríamos de verificar se falantes mais jovens são aqueles que estão inovando por assumir o tepe seguindo toda e qualquer seqüências de (vogal+glide posterior). Voltamos a esse ponto na seção 4.

A nossa hipótese é de que o som de “r” seguindo seqüências de (vogal+glide posterior) é lexicalmente marcado para cada falante. Em outras palavras o falante aprende o item lexical que contém uma seqüência de (vogal+glide posterior) e o som de “r” que segue tal seqüência (quando pertinente óbvio). Consequentemente espera-se que:

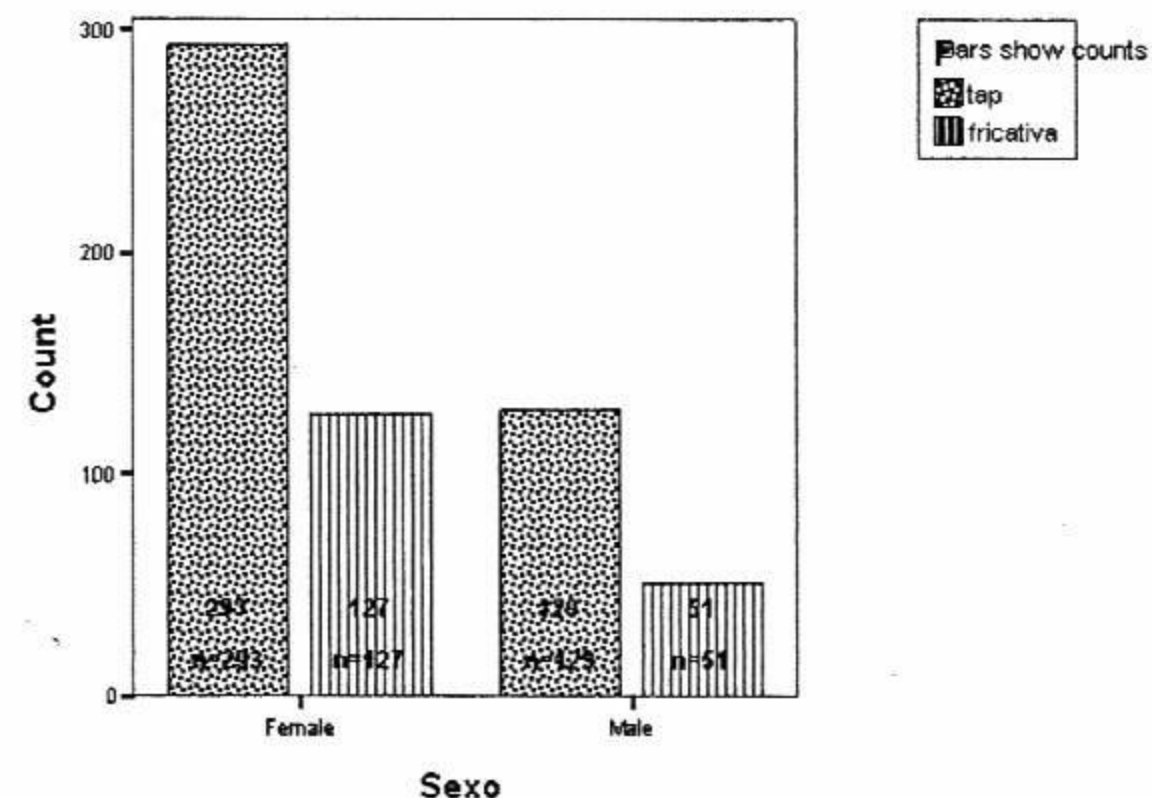
- falantes podem ter [r] ou [R] seguindo o glide decorrente da vocalização do /l/;
- parâmetros estruturais não parecem ser relevantes na escolha do som de “r”;
- o fator item léxico parece ser relevante na escolha da forma fonética utilizada;
- o fator *idade* pode ser um elemento condicionador da variação encontrada.

Este artigo pretende verificar se as afirmações acima procedem para o caso que estamos investigando. Na próxima seção apresentamos a análise dos resultados.

4 Análise dos dados

Estabelecida a variação em questão, vamos verificar, nesta seção, quais são os seus fatores condicionadores. Iniciamos nossa análise pelo fator sexo. Conforme sabemos, a partir dos trabalhos já efetuados em mais de 3 décadas de investigação sociolingüística, as mulheres tendem a favorecer formas de prestígio quando comparadas aos homens.¹⁷ No caso de variação em questão, não sabemos se alguma das possibilidades é prestigiosa ou estigmatizada em relação à outra, mesmo porque essas seqüências são de ocorrência rara. O Gráfico 1 nos mostra o comportamento de homens e mulheres, estudantes do curso de Letras da FALE-UFMG, com relação à pronúncia com [...w\$R...] ou [...w\$r...]

Gráfico 1



Pelo Gráfico 1 não se percebe nenhuma diferença significativa entre o comportamento das mulheres e dos homens com relação à forma fonética utilizada. Em ambos os grupos há um favorecimento da seqüência [...w\$r...] sobre a seqüência [...w\$R...]. Esta semelhança de comportamento pode ser vista na Tabela 1

¹⁷ Para comentários mais recentes sobre a questão, v. Labov (2001), cap. 8.

Tabela 1. Forma Fonética * Sexo Crosstabulation
Count

Forma Fonética		Sexo		Total
		Female	Male	
Forma Fonética	Fricativa	127	51	178
	Tepe	293	129	422
Total		420	180	600

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,219	1	,640		
Continuity Correction	,137	1	,711		
Likelihood Ratio	,220	1	,639		
Fisher's Exact Test				,697	,357
N of Valid Cases	600				

Como se pode ver pelos valores do χ^2 , não há nenhuma diferença significativa entre o comportamento dos dois grupos.

Consideremos, agora, o que acontece quando as palavras utilizadas em nosso experimento são separadas entre hipotéticas e reais. O Gráfico 2, a seguir, nos mostra que a seqüência preferida pelos informantes, nos dois tipos de palavra, é [...w\$r...]. Mas ele nos mostra, também, que esta mesma seqüência é muito mais favorecida no caso das palavras hipotéticas, ou seja, naquelas em que o informante não teria como se apoiar em nenhuma experiência prévia com as palavras, por menor que ela fosse. E, de fato, a diferença entre hipotéticas e reais se mostrou estatisticamente significativa, conforme pode ser visto na Tabela 2.

Gráfico 2

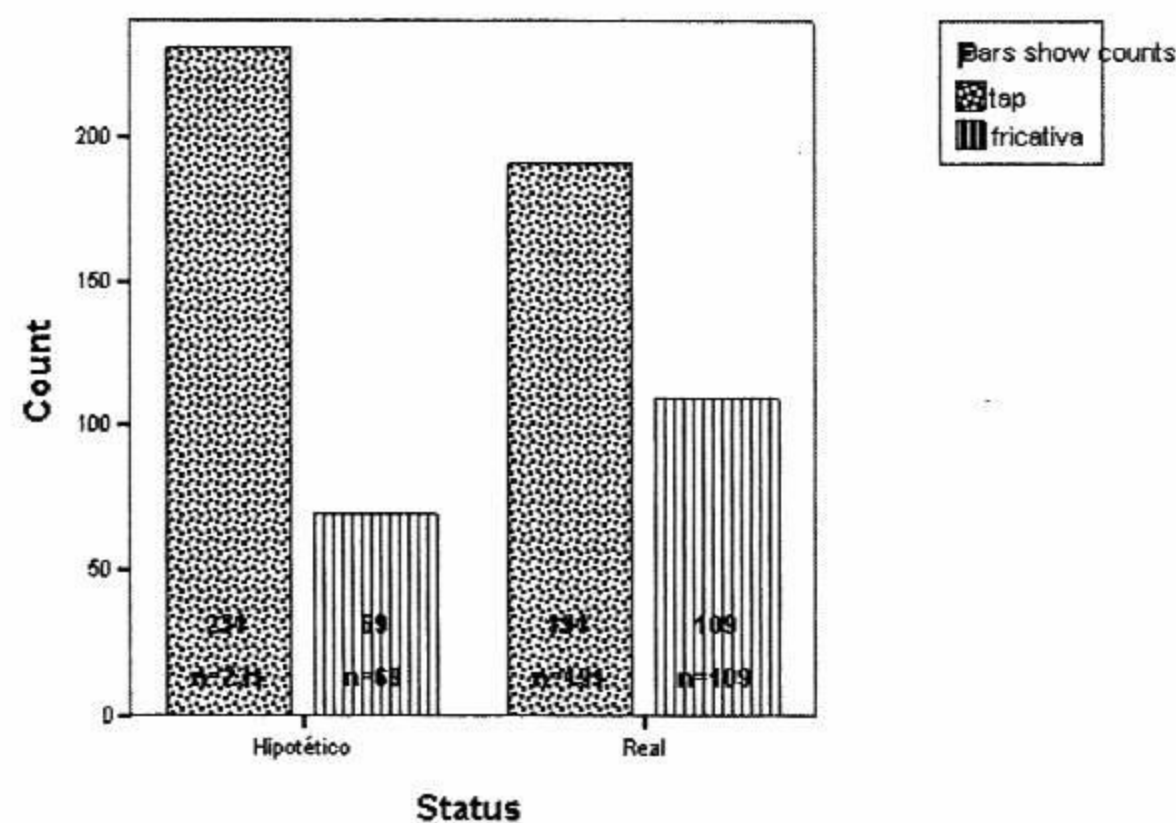


Tabela 2. Forma Fonética * Status Crosstabulation
Count

Forma Fonética		Status		Total
		Hipotético	Real	
Forma Fonética	Fricativa	69	109	178
	Tepe	231	191	422
Total		300	300	600

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	12,780	1	,000		
Continuity Correction	12,149	1	,000		
Likelihood Ratio	12,863	1	,000		
Fisher's Exact Test				,000	,000
N of Valid Cases	600				

Na Tabela 2, conforme se pode ver, o χ^2 é bastante alto, mesmo para um nível de significância de 0.000. Tanto o Gráfico 2 quanto a Tabela 2 nos permitem supor que (a) há uma tendência para as formas com o tepe suplantarem as formas com fricativas no

fenômeno em questão, e (b) essa tendência se torna mais forte quando a palavra envolvida é hipotética e, portanto, desconhecida.

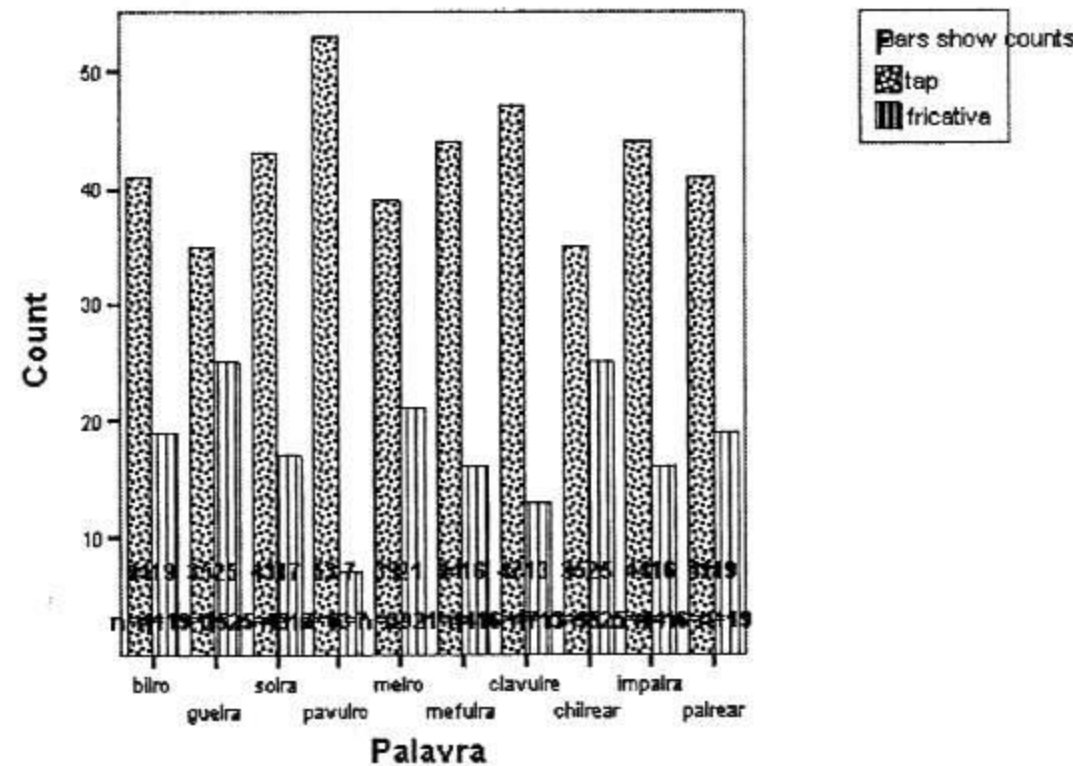
A propósito, observe-se o coeficiente de correlação abaixo (Pearson's Correlation Coefficient), que indica uma forte correlação entre a forma fonética realizada e o status da palavra.

Correlations		F	Status
F	Pearson Correlation	1,000	,146**
	Sig. (2-tailed)	,	,000
	N	600	600
Status	Pearson Correlation	,146**	1,000
	Sig. (2-tailed)	,000	,
	N	600	600

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Vejam, agora, como é que essas palavras se comportam individualmente com relação à opção entre [R] e [r]. O Gráfico 3, a seguir, nos mostra o comportamento de cada uma dessas palavras:

Gráfico 3



Conforme se pode ver no Gráfico 3, tanto nas palavras hipotéticas quanto nas palavras reais, o número de pronúncias com [8] supera o número de pronúncias com [R]. Mas é entre as primeiras, as hipotéticas, que a diferença numérica entre as duas pronúncias se faz maior. Resta saber se a diferença entre as palavras individuais é significativa (como é significativa a diferença entre hipotéticas e reais). A Tabela 3, a seguir, nos dá essa informação:

Tabela 3. Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	21,055	9	,012
Likelihood Ratio	22,422	9	,008
Linear-by-Linear Association	,024	1	,876
N of Valid Cases	600		

a 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 17,80.

Conforme se pode ver pela Tabela 3, a escolha entre uma fricativa ou um tepe parece ser sensível, também, às palavras individuais ($\chi^2 = 21,055$; nível de significância: ,012).

A pergunta que podemos nos colocar agora é a seguinte: quando foi que esta variação entre as seqüências [...w\$R..] ~ [...w\$r...] teve início no português falado na região de Belo Horizonte? Quem são os falantes que levaram essa mudança adiante, privilegiando algumas palavras em detrimento de outras?

Conforme já foi observado, não há nenhuma diferença entre os dois sexos na implementação do uso de seqüências [...w\$r...] para glides do Tipo 2. No nosso corpus inicial não pudemos examinar um possível efeito de classe social ou de idade uma vez que esses parâmetros não nos permitiam fazer recortes entre os informantes. Numa tentativa de iluminar um pouco a questão, decidimos fazer um teste envolvendo falantes de um mesmo estrato social (basicamente, do mesmo estrato social dos informantes que constituíram o nosso corpus inicial), procurando diversificar a sua faixa etária. Esses informantes, em número de 18, foram separados em 5 faixas etárias: (a)- até 20 anos; (b)- 21-30; (c)- 31-40; (d)- 41-60 e (e)-61 em diante. Foram testados 18 informantes, 10 mulheres e 8 homens.

Conforme se pode ver na Tabela 4, há uma correlação significativa entre a forma fonética da palavra e a faixa etária, no nível de significância .05.

Tabela 4. Correlations

		Forma fonética da palavra	Faixa Etária
Forma fonética da palavra	Pearson Correlation	1,000	,188*
	Sig. (2-tailed)	,	,012
	N	180	180
Faixa Etária	Pearson Correlation	,188*	1,000
	Sig. (2-tailed)	,012	,
	N	180	180

* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

O χ^2 também se mostrou significativo, no nível .020, conforme se pode ver na Tabela 5.

Tabela 5. Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	11,694	4	,020
Likelihood Ratio	11,869	4	,018
Linear-by-Linear Association	6,295	1	,012
N of Valid Cases	180		

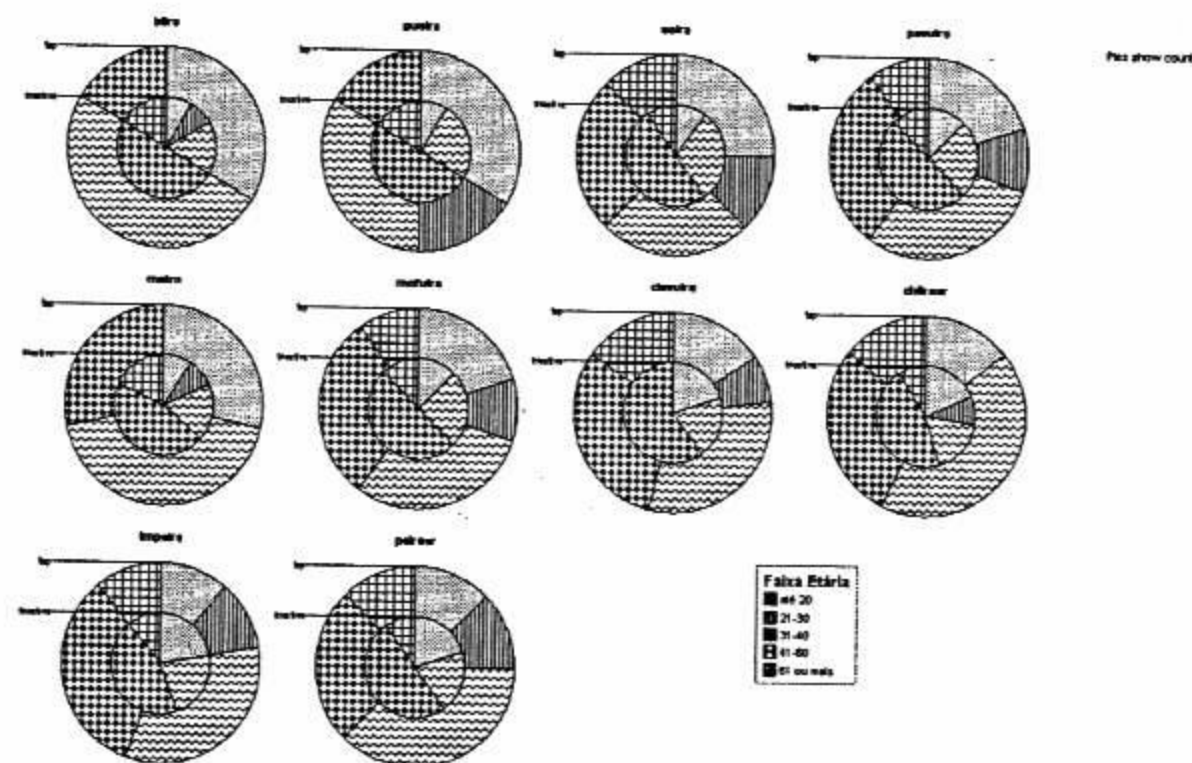
Se sabemos que as diferentes faixas etárias têm comportamento diferenciado em relação à variação entre [...w\$R...] ~ [...w\$R...], e se já sabemos que as diferentes palavras, seja em bloco (reais x hipotéticas) ou separadamente, também apresentam comportamento diferenciado em relação às duas seqüências em questão, resta-nos perguntar se as várias faixas etárias apresentam, ou não, o mesmo comportamento em relação às mesmas palavras. Aparentemente, não. Observemos o Gráfico 4, abaixo. Neste gráfico, o disco central indica as pronúncias com [...w\$R...], e o disco externo aquelas com [...w\$R...]. Já as várias faixas etárias aparecem indicadas por padrões diferentes de preenchimento. Observe-se que, para a faixa etária mais velha, algumas palavras simplesmente não admitem [...w\$R...]. É o caso de *bilro*, *guelra* e *melro*, todas elas palavras reais (ainda que pouco freqüentes). Para esse mesmo grupo, *clavulre* (hipotética) só ocorre com tepe, enquanto que em todas as outras palavras encontramos variação.

Já para a faixa etária mais jovem, até 20 anos, as mesmas palavras *bilro*, *guelra* e *melro* se apresentam majoritariamente com [...w\$R...], invertendo por completo o padrão da faixa etária mais velha! Portanto, se estivermos considerando as palavras com maior chance de ocorrência (*chilrear* e *palrear*, embora palavras reais, nos parecem ter uma probabilidade muito menor de ocorrência do que

melro, *bilro* e *guelra*), as duas faixas etárias extremas simplesmente alocaram essas palavras a classes diferentes.

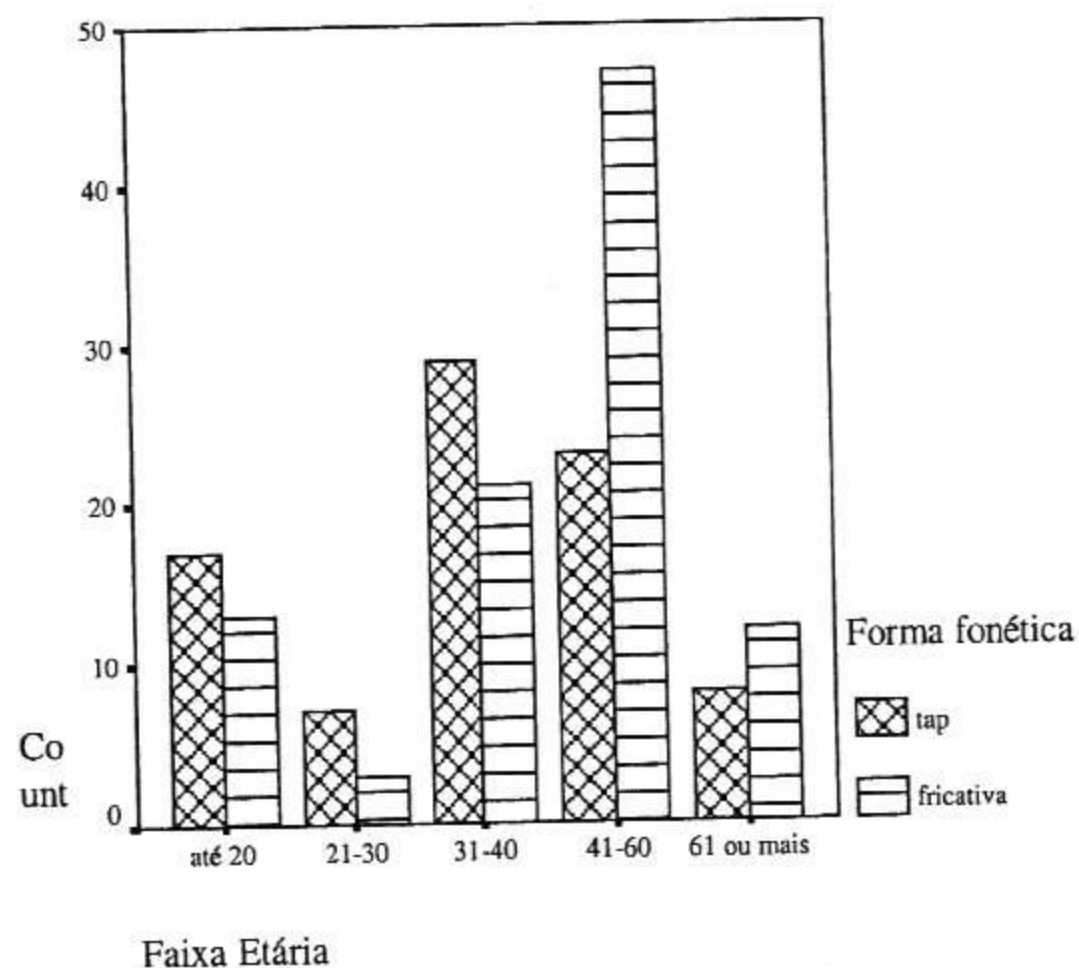
Com relação às faixas etárias intermediárias, é exatamente aí que encontramos uma variação mais significativa entre [...w\$R...] ~ [...w\$R...]. Mas convém notar que nestes casos a balança pende sempre para o lado do [...w\$R...].

Gráfico 4. Distribuição de [...w\$R...] ~ [...w\$R...] por Palavra e Faixa Etária



Se observarmos, agora, o Gráfico 5, podemos ver em que ponto do tempo o padrão parece ter começado a se alterar de [...w\$R...] para [...w\$R...]: entre os falantes com 40 anos ou menos, o que situa o início do processo na década de 1960.

Gráfico 5



5 Propostas para investigações futuras

Os resultados apresentados neste artigo nos levantam algumas indagações que merecem ser investigadas em pesquisas futuras. Seria interessante observar a variação do “r” pós-consonantal em variedades do português brasileiro que ainda apresentam a competição entre [l] e [w] posvocálico. Acreditamos que nos casos em que o [l] ocorre será atestado consistentemente um R-forte, por exemplo [gelRa] *guelra*. Contudo, nos casos em que [l] e [w] concorrem podemos ter o R-forte ou o r-fraco, ou seja [gewRa] ou [gewra] *guelra* quando o glide posterior se manifesta.

Um outro ponto interessante a ser investigado é se e como ocorre a redução de ditongos formados por (vogal posterior+glide posterior) decorrente da vocalização do /l/. Por exemplo, nas palavras “volta, solto, culto” pode ocorrer a redução do ditongo? Este aspecto é importante porque seqüências de (vogal posterior+glide posterior) em palavras como “touro” foram sistematicamente reduzidas a (vogal posterior).

Seria também pertinente investigar a questão das alternâncias morfofonêmicas sincronicamente. Isto porque enquanto esperamos

formas singular/plural como “pneu/pneus” e “anel/anéis”, de fato encontramos formas como “*pneu/pneis*” e “*anel/anéus*”. Em pesquisa preliminar, que teve por objetivo investigar a alternância morfofonêmica constatamos derivações inesperadas como, por exemplo, “*museu/museleiro*”.

6 Conclusão

Alguns pontos podem ser evidenciados a partir deste estudo. Primeiramente, podemos afirmar que a variação entre [...w\$R...] ~ [...w\$8...] só ocorre em glides do Tipo 2, sendo [...w\$R...] a única possibilidade para aqueles do Tipo 1. Em segundo lugar, podemos afirmar, também, que, no caso da variação entre [...w\$R...] ~ [...w\$8...], há uma tendência pelo uso de [...w\$R...]. Essa tendência pode ser justificada pela produtividade de [...w\$R...] em relação a [...w\$8...] (que, a rigor, se restringe a formas pouco numerosas e de baixa frequência). Finalmente, os indícios são de que a seqüência [...w\$R...] esteja sendo favorecida por falantes mais jovens (abaixo de 40 anos) e por itens lexicais específicos (reais > hipotéticos; item lexical X > item lexical Y (real ou hipotético)).

Parece-nos apropriado sugerir que a alteração fonotática que procuramos apresentar aqui seja uma evidência interessante para se justificar o modelo da difusão lexical como um modelo apropriado para se descrever os fenômenos de mudança lingüística. Uma abordagem de natureza neogramática enfrentaria sérias dificuldades para explicar, por exemplo, o comportamento diferenciado apresentado pelos falantes mais velhos em relação a palavras como *pavulro/mefulra* vs *clavulre*.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, A. *On /l/ velarization in European Portuguese*. ICPHS 99. San Francisco, CA, 1999.
- ASH, Sharon. *The vocalization of /l/ in Philadelphia*. University of Pennsylvania Dissertation, 1982.
- BOROWSKYM, T.; B. HORWATH. L-Vocalization in Australian English. In: HINKENS, VAN HOUT e WETZELS (org.). *Variation, Change and Phonological Theory*. John Benjamins, 1997.
- CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CALLOU, D.; Y. LEITE. *Iniciação à Fonética e a Fonologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

- CHEN, M. Y.; WANG, W. S-Y. Sound Change: Actuation and Implementation. *Language*, v.51, n. 2, 1975, p. 255-281.
- CRISTÓFARO-SILVA, Thaís. *Fonética e Fonologia do Português – Roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2001.
- . Sobre a quebra de encontros consonantais no português brasileiro. *Estudos Lingüísticos*, São Paulo, Unesp, v. 24, 2000.
- DOCHERTY, G.; FOULKES, P.; MILROY, J.; MILROY, L.; WALSHAW, D. Descriptive Adequacy in Phonology: A Variacionist Perspective. *Journal of Linguistics*, n. 33, 1997, p. 275-310.
- HARRIS, J. *English Sound Structure*. Cambridge: Blackwell, 1994.
- HINSKENS, F. et al. Um balanço de dados e teoria no estudo da variação e da mudança fonológica. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 35, n. 1, p. 7-46, 2000.
- HOENINGSWALD, H. *Language Change and Linguistic Reconstruction*. Phoenix Books. The University of Chicago Press, 1960.
- KIPARSKY, Paul. *The phonological basis of sound change*. In: Goldsmith (ed.). 1995, p. 167-197.
- . Linguistics Universals and Linguistic Change. In: BACH e KAMS (ed.). *Universals in linguistic theory*. New York, 1968, p. 171-202.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- . *Principles of Linguistic Change*. Internal Factors. Basil Blackwell, 1994, v. 1.
- . *Principles of Linguistic Change*. Social Factors. Basil Blackwell, 2001, v. 2.
- LORD, R.; ZUNG, C. T. How does the lexicon work? In: *Journal of the International Linguistic Association*, v. 43, p. 349-373, 1992.
- MICHAELIS – *Pequeno dicionário inglês português e português-inglês*. São Paulo: Melhoramentos, 1982.
- Novo Aurélio século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- Novo dicionário Barsa das línguas inglesa e portuguesa*. New York: Meredith Publishing Company, 1964, v. 2.
- OLIVEIRA, M. A. *Phonological variation and change in brazilian portuguese: the case of the liquids*. PhD. University of Pennsylvania. 1983.
- . The neogrammarian controversy revisited. *International Journal of the Sociology of Language*, Berlin, p. 93-105, 1991.
- . Reanalizando o processo de cancelamento do (r) em final de sílaba. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, 1999.
- PHILLIPS, B. Lexical diffusion is not lexical analogy. *Word*, v. 49, n. 3, 1998.
- . S. Open syllable lengthening and the ormulum. *Language*, v. 60, n. 2, p. 320-341, 1984.
- QUEDNAU, L. *A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear*. Dissertação de Mestrado. UFRGS, 1993.
- SHEN, Z. Lexical diffusion: a populational perspective and a mathematical model. *Journal of Chinese Linguistics*, n. 18, p. 159-201, 1990.
- TASCA, M. A preservação da lateral alveolar na Coda: uma explicação possível. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 35, n. 1, p. 331-354, 2000.
- . *A lateral em coda silábica no Sul do Brasil*. PhD Thesis. PUCRS. Porto Alegre, 1999.
- WANG, W. S-Y (1969) Competing Changes as a cause of residue. *Language*, n. 45, p. 9-25.
- ; LIEN, C. Bidirectional diffusion in sound change. In: *Historical Linguistics*, London, Longman, 1993, p. 345-400.